

## 2

### Sá-Carneiro por Sá-Carneiro: a proposta literária e o seu descontentamento a partir de sua correspondência

*Mas o que é ser-se eu; o que sou eu?*<sup>1</sup>  
Mário de Sá-Carneiro

Neste capítulo buscaremos adentrar um pouco mais a alma de Sá-Carneiro. Através de sua correspondência, tem-se a revelação de um escritor marcado pela busca da perfeição poética. Deixemos claro que a exposição da correspondência não tem por objetivo fazer um levantamento de dados da biografia do autor, mas analisar a sensação de descontentamento e sofrimento, decorrente de sua inadaptação à vida, que atravessa tanto o homem quanto o artista, além de mostrar, como nos diz Alexei Bueno, que “a separação vida-obra é, de fato, absolutamente irrealizável”<sup>2</sup>.

A inadequação do escritor frente à realidade empresta à sua correspondência um tom de infelicidade. Em carta de 16 de novembro de 1912, a Fernando Pessoa, percebemos a insatisfação de Sá-Carneiro *nesta terra ideal* – terra de expectativas e sonhos, criada pela sua insatisfação. A desolação, marca constante tanto em suas cartas como em sua obra, aparece vinculada à falta de perspectivas do poeta perante a vida, evidenciada no trecho abaixo grifado:

Não tenho de forma alguma passado feliz nesta terra ideal. Tenho mesmo vivido ultimamente alguns dos dias piores da minha vida. Por quê?, indagará você. Por alguma coisa – é a minha resposta. Ou antes: por mil pequeninas coisas que somam um total horrível e desolador. Olho para trás, e os tempos a que eu chamei desventurados, afiguram-se-me hoje áureos, suaves e benéficos. Diante de mim, *a estrada vai pouco a pouco estreitando-se*, emaranhando-se, perdendo o arvoredor frondoso que a abrigava do sol e do vento. E eu cada vez mais me convenço de que não saberei resistir ao temporal desfeito – à vida, em suma, onde nunca terei lugar.<sup>3</sup>  
(grifos nossos)

Sua angústia em relação à vida, na qual, como enfatiza, *nunca terá lugar*, ressalta um traço marcante de seu conflito biográfico-artístico. A única certeza, a da morte, revela o constante pessimismo presente tanto na vida como na obra do

---

<sup>1</sup> Ibidem, p. 743.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 17.

poeta, agravado pelo desconhecimento da razão de seu descontentamento. O sofrimento pelas *coisas que não foram*<sup>4</sup>, leva-o a uma degradação pessoal que, em nossa visão, será um dos temas recorrentes em sua obra poética – como veremos adiante na análise dos poemas.

A idealização – desejo de *além* – e a realidade – *aquém* – levam-no a uma espécie de resignação, quando *encolhe os ombros* e apenas *continua sonhando*, mostrando-se assim um indivíduo que tem como característica a prostração frente aos infortúnios que o perseguem em sua trajetória. A imagem da *dobadoura*, remete à da tecelã, símbolo arquetípico da fiandeira do destino<sup>5</sup>, destino que para Sá-Carneiro é *mesquinho*, a existência em sua face real.

Vou vivendo como sempre, olhando muito para mim, sonhando “além”, para logo, cepticamente, encolher os ombros e prosseguir sonhando... A eterna dobadoura... símbolo mesquinho, mas ai, bem real da existência. Pelo menos da minha existência. Dobadoura ou catavento? Não sei. E tudo isto é tão triste, tão triste...<sup>6</sup>

A impossibilidade de controle da própria vida, já evidenciada na imagem daquela que tece o destino, surge também no *catavento* – que não consegue ter autonomia para realizar sua própria vontade. Podemos, assim, perceber o caráter trágico da personalidade de Sá-Carneiro, pela sensação de ter sua vida traçada pela *moira*, o que o prostra e o deixa em profunda tristeza e insatisfação.

Em carta a Ricardo Teixeira Duarte, seu amigo de liceu, percebemos que a insatisfação de Sá-Carneiro em relação à vida e à sua prostração levam-no à sensação *de que nunca entrará na vida*. A falta de crença em seu curso e em si mesmo revela a insegurança do *eu* perante a própria existência. O tempo que o devora – como Cronos, que devorava seus filhos – dilacera-o para a realidade da vida, deixando-o com a sua auto-imagem infantilizada, aquele que nunca estará pronto para deixar o *recreio*, numa espécie de obra sempre inacabada:

(...) com todos os elementos para ser feliz eu não sou. Não se trata de romantismos e, procurando bem, encontra-se facilmente a razão desta coisa à primeira vista bizarra: é que o tempo vai passando e eu cada vez mais tenho a sensação de que

<sup>3</sup> Ibidem, p. 721.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 722.

<sup>5</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, p.872.

<sup>6</sup> SÁ-CARNEIRO. (1995), p. 735.

nunca entrarei na vida. Não creio em mim, não creio no meu curso; em alguma coisa. O tempo vai passando entretanto. É preciso acabar com o recreio; ir para as aulas – para a vida... mas disso eu nunca serei capaz. Sou uma criança que sente que nunca o deixará de ser.<sup>7</sup>

Interessante pensar que a frustração de Sá-Carneiro não está ligada à desistência de seus ideais, o que seria para ele uma espécie de morte, mas de lutar até *ao fim* e não conseguir atingir o algo que deseja, a plenitude artística, a plenitude da vida. Porém, há a transposição para a vida desse conceito de plenitude artística, levando-o a desilusões. Mais uma vez o conflito real *versus* ideal se impõe, e a impossibilidade agora é a de renunciar, *bela* no plano artístico, mas *triste* na vida:

Eu decido correr a uma provável desilusão. E uma manhã recebo na alma mais uma vergastada – prova real dessa desilusão. Era o momento de recuar. Mas não recuo. (...) é que eu, se começo a beber um copo de fel, hei-de forçosamente bebê-lo até ao fim. (...) *Eu sou daqueles que vão até ao fim*. Essa impossibilidade de renúncia, eu acho-a bela artisticamente, (...) mas na vida é uma coisa triste.<sup>8</sup>

Segundo Goethe, *não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte, e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte*<sup>9</sup>. Se pensarmos que a arte em Sá-Carneiro é uma extensão de seus conflitos existenciais, veremos, ao invés da segurança, uma total insegurança do seu *eu* artístico fundida ao seu *eu* biográfico. No que diz respeito ao seu *eu* artístico, vemos em sua correspondência reflexões que, em linhas gerais, denotarão uma total falta de equilíbrio:

(...) lhe falarei do meu *eu artístico*; das minhas qualidades, dos meus defeitos. E tudo se reduz nisto, dito sem modéstia: uma imaginação admirável, bom material para a “realização”; mas um mau operário – pelo menos um operário deficiente, que se distrai, se esquece e envereda. Uma falta de equilíbrio, em suma.<sup>10</sup>

Notamos que a falta de equilíbrio provém de uma oposição de seu *eu* como o artista ideal – sua *imaginação admirável* – que esbarra em *um mau operário*, com todas as limitações presentes em seu *eu* real.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 1023.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 736-737.

<sup>9</sup> GOETHE apud OSÓRIO, Luiz Camilo. “Uma leitura contemporânea da estética de Kant” In: *Kant, crítica e estética na modernidade*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1989, p. 229.

Vitor Manuel de Aguiar e Silva afirma que “a Literatura é uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem”<sup>11</sup>. Em sua reflexão sobre arte, Sá-Carneiro propõe que a Arte tenha um papel de propulsora do pensamento, uma vez que ela seria, ao mesmo tempo, decorrência e causa do mesmo. A partir do momento em que uma obra de arte desenvolve uma catarse em relação ao homem, tocando nos grandes enigmas de sua existência, também fará o *Pensamento* alcançar um estágio superior, *ser luz, além de espírito*:

Não é o pensamento que deve servir a arte – a arte é que deve servir o pensamento, fazendo-o vibrar, resplandecer – ser luz, além de espírito. Mesmo, na sua expressão máxima, a Arte é Pensamento. E quando por vezes é grande arte e não é pensamento; é-o no entanto porque suscita o pensamento – o arrepio que uma obra plástica de maravilha pode provocar naquele que a contempla.<sup>12</sup>

Como que a confirmar seu conceito sobre o papel da arte, em outra de suas cartas revela que, mesmo que sua obra não seja vasta, apresenta-se *pesadamente doirada*. O dourado, que em nossa visão remete ao ápice do processo de criação poética, surge como sendo talvez de *ouro falso*, sugerindo a idéia da ilusão, a diferença entre o *ser* e o *parecer*, um dos traços marcantes de sua poesia.

O céu da minha obra não quero dizer que seja grande – não sei se na verdade o será. Entretanto estou bem certo que é pesadamente doirado (talvez de ouro falso, mas em todo o caso doirado) com muitas luzes de cor, e lantejoulas todas a girar, fumos policromos, aromas (...).<sup>13</sup>

Imagens como a do *ouro falso* aparecerão em poemas que analisaremos em um próximo capítulo. A grande angústia e obscuridade acometem o indivíduo – Sá-Carneiro –, pois as ânsias *psicologicamente impossíveis* acabam chocando-se na realidade *materialmente impossível*, frustrando o desejo de unidade. O Corpo e a Alma separados revelam a fragmentação do *eu*, dispersando-se em si mesmo, perdendo-se *dentro de si, pois era labirinto*.

<sup>10</sup> SÁ-CARNEIRO. (1995), p. 770.

<sup>11</sup> Apud LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7.

<sup>12</sup> SÁ-CARNEIRO. (1995), p. 786.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 821.

Escuta: para mim, na verdade, não existem ainda coisas *materialmente* impossíveis, mas existem muitas coisas – quase todas, as belas, ai! – *psicologicamente* impossíveis. Eu nunca pude fundir o corpo e a alma numa proporção normal. O meu corpo andou sempre separado, independente da alma... e como materialmente corpo e alma formam um todo – daí a minha inquietação incessante.<sup>14</sup>

A melancolia transcendental frente à realidade do início do século XX leva-o a uma profunda desolação. Como já exposto, o *eu artístico* sucumbe à realidade, sendo a esfera do mundo ideal cheia de mistérios e a realidade apresentada como nítida, realidade que corrói e destrói o universo ideal e onírico.<sup>15</sup> E, segundo Sá-Carneiro, é necessário estar preso aos sentimentos e afetos reais para viver neste universo real e, como ele não consegue adequar-se, o sentimento de falência atormenta-o:

Para vivermos meu velho, é preciso estarmos “enraizados”, presos a sentimentos, a hábitos, a afetos. Eu não estou preso a coisa alguma. É este também um dos motivos da minha desolação. Bóio na vida, nunca me consegui fixar... Em suma cada vez me sinto mais o *falido* de que há anos te venho falando.<sup>16</sup>

O sufocamento dos ideais de Sá-Carneiro pela realidade conduz também ao desejo de aniquilamento de sua própria vida. A ligação entre poesia e morte, constante em sua obra, como veremos adiante, o caos e o sofrimento existencial do poeta, provenientes de sua inadequação à vida, levam-no ao suicídio, ao triunfo, no dia 26 de abril de 1916. O poeta em busca do ideal não resiste ao cenário real, liberta-se da carne, do *quase* que tanto o atormentava.

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 1024-1025.

<sup>15</sup> Conferir WOLL, Dieter. *Realidade e idealidade na lírica de Sá-Carneiro*. Lisboa: Delfos, 1968, p. 74.

<sup>16</sup> SÁ-CARNEIRO. (1995), p. 1024.